

# A PROCURA DE SAÍDAS PROFISSIONAIS SUBSTITUIU A LUTA CONTRA A REPRESSÃO

**ESTUDANTES DE LETRAS  
FALAM DO ANTES  
E DO DEPOIS DO 25 DE ABRIL**

«**A**NTES do 25 de Abril, tínhamos um inimigo: agora, poderemos ter, quando muito, um adversário.»

É por esta razão, no ponto de vista de José Moreira, da direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, que o movimento estudantil já não tem uma intervenção propriamente política: realização de greves, de manifestações, crítica e denúncia do Poder. Hoje, os estudantes vivem, fundamentalmente, preocupados em encontrar saídas

profissionais para os cursos que frequentam. «O movimento estudantil tem — na opinião do nosso interlocutor — de se definir pela participação na elaboração de soluções capazes de resolver o problema das saídas profissionais dos cursos de Letras.» Os programas dos cur-

#### Esperanças por cumprir

«O 25 de Abril não tem respondido às nossas esperanças, às nossas expectativas. Ainda não se resolveram certos problemas, como, por exemplo, o dos jovens desempregados, o do acesso de todas as crianças ao ensino básico. São conse-

quências de 48 anos de escuridão». Mas também «nos deu a possibilidade de reflectir livremente e, sob diversas perspectivas, deu-nos a possibilidade de optar, embora de uma maneira condicionada».

Antonieta Lima, aluna do pri-

meiro ano do curso de Línguas e Literaturas Modernas e membro da direcção da Associação de Estudantes, lamenta que «os estudantes não se interessem por actividades paralelas às aulas, como, por exemplo, a participação em actividades culturais». Acrescenta: «Chegamos à Faculdade e sentimo-nos perdidos, desacompanhados. Não somos orientados. Resolvidos os problemas burocráticos inerentes ao ingresso na Faculdade, os estudantes começam a pensar que o melhor é tirar o curso. A reacção de um aluno que chega à Universidade e esta: já sei onde vou ter aulas,

quais são os meus professores, onde fica a biblioteca — nem todos os estudantes o sabem — e onde é o departamento do meu curso. Não preciso de saber mais nada.» Os estudantes — considera Antonieta Lima — não devem preocupar-se apenas em fazer o curso. Devem também participar na vida da Universidade, em actividades culturais e desportivas.

Quando o 25 de Abril aconteceu, ela tinha seis anos. Não se lembra muito bem do que se passou e como viveu esse dia. Lembra-se que foi uma quinta-feira e de o pai dizer à mãe: «Hoje não vais trabalhar. Houve

uma revolução.» E continuou: «Não sei dizer mais nada sobre esse dia. Devo ter achado graça.» Não participa nas comemorações do 25 de Abril. «Não vou porque as comemorações perderam o cunho popular e passaram a ter conotações partidárias.» Acha que o 25 de Abril «não teve influência na minha vida». Para as pessoas que, hoje, têm mais de trinta anos, o 25 de Abril é um ponto de referência. Para ela, é uma data.

Por sua vez, José Moreira, da Guiné, tinha doze anos quando «se deu a queda do regime». Conta: «Estava em Bissau. O ambiente era de preocupação.

Havia movimentações populares. Ouvia falar em torturas. Eu acordava e chorava por me lembrar das torturas.»

#### Mudar as mentalidades

«É necessário repensar a ideia de curso superior e o próprio conceito de Universidade, o que implica a evolução das mentalidades» — considera José Moreira.

Para fundamentar o seu ponto de vista, aquele dirigente estudantil afirma que «o mercado de trabalho dá mais possibilidades de emprego aos alunos de Ciências do que aos de Letras».

Por não ter outras alternativas profissionais, a maioria dos estudantes de Letras — nomeadamente, aqueles que frequentam os cursos de Filosofia, História, Línguas e Literaturas Modernas — vai para o ensino. Para muitos deles, o curso é quase inútil, dado que chegam a estar anos à espera que o Ministério da Educação os coloque. Embora destinados ao ensino, os alunos de Letras não estão — diz Antonieta Lima — preparados para dar aulas. Por essa razão, «apresentámos ao Ministério da Educação uma proposta, na qual se preconiza a integração de cadeiras psico-

pedagógicas nos cursos da Faculdade de Letras».

Os dirigentes estudantis não defendem a limitação do acesso à Universidade, mas consideram que «é necessário estabelecer um equilíbrio entre o número de pessoas que está a ser formado em Letras e a capacidade de absorção no mercado de trabalho», para evitar o desemprego. Defendem, também, que «devem ser criadas condições para que muitos alunos não sejam forçados a inscrever-se em Filosofia e História por se terem visto impedidos de ingressar nos cursos que gostam de frequentar». — F.D.

Dia	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31

Mercado de trabalho